

As metáforas nas crônicas jornalísticas de Cony e Veríssimo

Regina Rossetti

Resumo

A crônica jornalística, como gênero híbrido na interface entre o jornalismo e a literatura, descreve situações concretas do cotidiano, mas as recria com vistas ao entretenimento e a reflexão crítica. Para inventar uma história, a partir dos fatos da vida real, o cronista utiliza figuras retóricas, notadamente, a metáfora. O objetivo deste artigo é identificar a metáfora, como um dos elementos criativos que compõem as crônicas jornalísticas de dois consagrados cronistas brasileiros: Carlos Heitor Cony e Luis Fernando Veríssimo. Como base teórica, esta pesquisa utiliza o referencial estruturalista, a técnica é a análise de conteúdo, especificamente, a análise de enunciação.

Palavras-chave:

Metáfora, Crônica, Criação, Jornalismo

Metaphor in the chronicles of Cony and Verissimo

Abstract

The journalistic chronicle, as hybrid between the journalism and literature, describes concrete situations of the daily one, but invent with sights to the entertainment and the critical reflection. To invent a history, from the facts of the real life, the writer uses rhetorical figures, over all, the metaphor. The objective of this article is to identify the metaphor, as one of the creative elements that compose the journalistic chronicles of two consecrated writer Brazilians: Carlos Heitor Cony and Luis Fernando Veríssimo. As theoretical base, this research uses the technique is the content analysis, specifically, the articulation analysis.

Key words:

Metaphor, Chronicle, Creation, Journalism

Sobre a autora

Doutora com pós-doutorado em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), docente do Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS)
rrossetti@uscs.edu.br

Crônica: interface entre jornalismo e literatura

A crônica está na fronteira entre narração literária e informação jornalística da realidade. Tal como é produzida no Brasil, caracteriza-se por ser uma composição breve publicada em jornal e revista, que embora relacionada com a atualidade possui elementos poéticos e ficcionais. Ela pode, assim, refletir de maneira poética, e às vezes irônica, o imaginário manifesto no cotidiano de nossas vidas. Entretanto, não quer ser uma mera reprodução dos fatos e para tanto usa recursos próprios da literatura para expressar-se: diálogos, alegorias, versos, personagens típicos, metáforas, analogias. A crônica é um olhar diferente e fragmentário do real que não ambiciona a totalidade dos fatos, como uma fotografia do real que capta poeticamente o instante, dando a ele uma dimensão de eternidade. Assim, a crônica é um gênero literário produzido essencialmente para ser vinculado na imprensa, seja nas páginas de uma revista seja nas páginas de um jornal.

A crônica tem uma finalidade utilitária e predeterminada: o entretenimento, por vezes acompanhado da reflexão crítica. Um de seus objetivos é agradar aos leitores dentro de um espaço sempre igual e com mesma localização criando-se, assim, no decorrer dos dias, uma familiaridade entre o escritor e aqueles que o lêem. A crônica se dirige a uma classe que tem preferência pelo jornal em que ela é publicada, sempre num espaço predeterminado e muitas vezes pequeno, obedecendo muitas vezes à ideologia do veículo e aos interesses de seus consumidores. Em função dessa economia espacial nasce a riqueza estrutural da crônica. A crônica também tem uma forte atuação como formadora de opinião e para tanto seu estilo literário muito contribui. Ao comparar o poder de influência da literatura ao do jornalismo, Marcondes (2008:63) afirma:

“são a literatura e a poesia os formatos que mais transformam as opiniões, os posicionamentos, as crenças, as atitudes das pessoas porque tocam fundo e mexem com os mecanismos que formam nossas opiniões, interferem em áreas que somos mais indefesos, menos prevenidos. Seu poder de influência é excepcional, enquanto o poder de influência do jornalismo é pequeno”.

Historicamente, Pero Vaz de Caminha, em sua carta a El-Rei D. Manuel, pode ser considerado um precursor do cronista atual, pois ele recria com engenho e arte tudo aquilo que registra no contato direto com os índios e seus costumes.

E daqui mandou o Capitão a Nicolau Coelho e Bartolomeu dias que fossem em terra e levassem aqueles dois homens e os deixassem ir com seu arco e setas. Aos quais mandou dar a cada um uma camisa nova, uma carapuça vermelha e um rosário de contas brancas de osso,

A crônica é um olhar diferente e fragmentário do real que não ambiciona a totalidade dos fatos, como uma fotografia do real que capta poeticamente o instante, dando a ele uma dimensão de eternidade

que eles levaram nos braços, e cascavéis e campainhas. E mandou com eles para ficar lá um mancebo degredado, criado de lá com eles e saber de seu viver e maneiras. E a mim mandou que fosse com Nicolau Coelho. (Caminha, 1981:25-6.)

Seu relato é fiel às circunstâncias, e todos os elementos se tornam decisivos para que o texto transforme a pluralidade dos retalhos em uma unidade bastante significativa. O autor tem o cuidado de reafirmar que escreve após ter ido à terra. Tornando a observação direta, o ponto de partida para que o narrador possa registrar os fatos de tal maneira, que até os mais efêmeros ganhem certa concretude. Ao usar essa estratégia, Caminha estabeleceu o princípio básico da *crônica*: registrar o circunstancial. Inicia-se, assim, a história de nossa literatura com a circunstância de um descobrimento. Oficialmente, a Literatura Brasileira nasceu da crônica. Hoje em dia a crônica significa um espaço ao mesmo tempo de reflexão e deleite sobre os fatos cotidianos, habilmente captados por jornalistas capazes de expressá-los de forma amena e crítica.

A crônica pela forte presença poética e literária é um discurso dinâmico e não estático que se apresenta como uma sucessão de transformações do pensamento/forma. “Este jogo de transformações actua a níveis múltiplos. O objetivo e a ambição da análise da enunciação são apreender ao mesmo tempo diversos níveis imbricados (ao contrário da análise de conteúdo estrita que se apóia essencialmente no registro semântico elementar)” (Bardin, 2004: 173). Pela sua própria estrutura discursiva, a crônica se presta à análise de enunciação, dentro do quadro geral das análises de conteúdo. Assim, como base teórica, esta pesquisa utiliza o referencial estruturalista, a técnica é a análise de conteúdo, especificamente a análise de enunciação. Apoiada em uma concepção de comunicação como um processo dinâmico e não como um dado, a análise de enunciação funciona desviando-se das estruturas e dos elementos formais, na busca por *figuras de retórica*, “que jogam com o raciocínio ou com o sentido das palavras. Existem quando a implicação afetiva com o referente é forte (como, por exemplo, na produção poética), mas precisando de um mínimo de distância e de à vontade” (*idibem*: 183). A figura de retórica aqui pesquisada é a metáfora.

A metáfora é uma figura de tipo associativo. Designa qualquer coisa por outra. Geralmente o significante de substituição é mais simbólico. A ruptura faz-se pela passagem de um plano denotativo a um plano conotativo. Conotações e metáforas têm um grau de figuração elevado, um grande poder de sugestão porque dragam significações sobre determinadas, aderentes ao significante que as suporta por razões históricas (individuais ou sociais). (Op. cit.: 184.)

A crônica significa um espaço ao mesmo tempo de reflexão e deleite sobre os fatos cotidianos, habilmente captados por jornalistas capazes de expressá-los de forma amena e crítica

A pesquisa¹ que sustenta este artigo foi exploratória e objetivou promover um contato de aproximação com o objeto de estudo: a metáfora nas crônicas jornalísticas de Luis Fernando Veríssimo e Carlos Heitor Cony. A análise de conteúdo identificou no texto das crônicas selecionadas elementos criativos que as compõem: as metáforas, por meio de amostragem intencional e, então, procedeu à análise de enunciação dessas figuras de retóricas identificadas. O resultado obtido foi coleta de 119 crônicas de Carlos Heitor Cony publicadas pela *Folha de S. Paulo* e 55 crônicas de Luis Fernando Veríssimo publicadas pelo jornal o *Estado de S. Paulo*, ambos no período de outubro de 2005 a março de 2006 e a identificação de metáforas em 100% das crônicas coletas.

A criação nas crônicas jornalísticas brasileiras

Criação, relacionada à atividade humana, significa a produção humana de algo a partir de alguma realidade preexistente, de tal modo que o produzido é novo e não se encontra necessariamente nessa realidade. Referindo-se às ações humanas, o termo criação sublinha a existência da novidade e da imprevisibilidade do resultado de um processo de produção. Para Morin (2005: 28), a imprensa é mais padronizada e burocratizada do que o cinema, porque sua originalidade é pré-fabricada pelo acontecimento e pela rotina de produção do jornal. O filme, por sua vez, propicia mais espaço para a criação. Esta afirmação pode ser repensada porque existem espaços jornalísticos em que a criação é mais atuante, como é o caso da crônica jornalística e do jornalismo literário.

A crônica é espaço privilegiado para a inventividade e criatividade, diferenciando-se, por isto mesmo, de outros gêneros jornalísticos mais descritivos e informativos, como a notícia.

Portanto, a crônica determina novas relações com os gêneros jornalísticos, não se limitando a informar ou opinar; mas construindo novos significados na própria articulação entre várias linguagens que o cronista exercita para explicar as representações de seu mundo ao leitor. (Pereira, 2004: 32.)

Neste sentido, a crônica jornalística torna-se um objeto privilegiado para o estudo da criação e seus processos, constituindo um campo fecundo para a investigação da questão da criação na área do jornalismo. Ela ocorre, normalmente, nos cadernos e revistas culturais, pelas próprias características dessa área do jornalismo que, normalmente, trabalha menos com a urgência do fato e mais com as interpretações e análises dos eventos culturais e artísticos. Não significa que não possa aparecer em outras editoriais, como política ou esportiva. Porém, é mais usual no jornalismo cultural pela histórica vinculação deste com a literatura, com a criatividade do texto e a mescla de gêneros.

¹ Esta pesquisa teve a colaboração de Felipe Mesquita de Paula, aluno pesquisador e bolsista Pibic/CNPq.

A crônica, como relato poético do real (Melo, J. M. de, *apud* Pereira, 2004:7), está na fronteira entre narração literária e formação jornalística da realidade. Ao recriar a realidade, a crônica abre campo para uma visão crítica que, segundo Lúcia Santaella, necessita da criatividade para vir à tona. Neste sentido, criticidade e criatividade encontram-se e reforçam-se na crônica jornalística.

O processo criativo no jornalismo é tanto mais criativo quanto mais despertar para uma vinculação crítica com o imediatismo dos acontecimentos, pois o jornal trabalha dentro de uma função-compromisso social explícito: gerar no seu mosaico do mundo-de-cada-dia a visão crítica da atualidade. (Santaella, 1996: 55.)

A crônica é um gênero híbrido que melhor marca a fusão de dois gêneros distintos, o literário e o jornalístico. Embora literatura e jornalismo possuam objetivos distintos, segundo Santaella, “está se tornando voz quase corrente que muitas das realizações da linguagem jornalística pouco ou nada têm a dever a uma criação literária” (*ibidem*: 53). A autora chama a atenção para o grande intercâmbio do jornal com a literatura:

Não podemos negar um evidente intercâmbio de recursos e migração de linguagens que extrapola a mera esfera da relação jornal e literatura. Um intercâmbio, aliás, que deve ser buscado, pois é na fenda entre dois sistemas de signos e nas brechas do sistema instituído que podem germinar novas estruturas de linguagem. (*Ibidem*: 56.)

Não somente a literatura encontra espaço no jornalismo, como a literatura é afetada por novas linguagens e novos meios que produzem uma dinâmica de reajustamento dos meios existentes. Bastante conhecidos são os casos de Machado de Assis e Euclides da Cunha, que transitaram com desenvoltura pelas áreas do jornalismo e da literatura e produziam textos híbridos, com influências da cadência curta e do imediatismo do primeiro e o cuidado com o texto e a inventividade do segundo.

A crônica é hoje no jornalismo brasileiro um gênero bem definido e peculiar. Em entrevista à revista *Cult* o cronista Heitor Cony afirma: “A crônica é um gênero tipicamente brasileiro. Em outros países, ela também existe, mas não tem as nossas características” (Cony, 2006: 8). No decorrer de sua história, a crônica no jornalismo brasileiro sofreu mutações e assumiu características próprias que, atualmente, a distinguem das crônicas produzidas em outros países. Tal como é produzida no Brasil, caracteriza-se por ser uma composição breve publicada em jornal e revista que, embora relacionada com a atualidade, possui elementos poéticos

No decorrer de sua história, a crônica no jornalismo brasileiro sofreu mutações e assumiu características próprias que, atualmente, a distinguem das crônicas produzidas em outros países

e ficcionais. Ela pode, assim, refletir de maneira poética, e às vezes irônica, o imaginário coletivo presente no cotidiano de nossas vidas. Entretanto, como não quer ser uma mera reprodução dos fatos, usa recursos próprios da literatura para expressar-se: diálogos, alegorias, versos, personagens típicos, metáforas, analogias. Além do estilo, a criação é visível também nos recursos lingüísticos usados na crônica, na estrutura e temporalidade próprias.

Tomemos um exemplo de uma crônica de Luis Fernando Veríssimo intitulada *Como se (O Estado de S. Paulo, 26 fev. 2006, caderno Cultura: D14)*:

... como se fosse a sua casa na próxima Idade do Gelo, tudo congelado, tudo coberto com uma camada do que parecesse vidro, e você entrasse na casa mal podendo se equilibrar sobre o chão escorregadio, e tudo que você tocasse se desmanchasse como se fosse feito de açúcar, tudo, a poltrona do seu pai, as cortinas duras da sala de jantar, a cristaleira, e bastasse tocar em qualquer coisa com o dedo, as frutas artificiais sobre a mesa, as cadeiras em volta da mesa, e cairia em estilhaços – até a geladeira. E você entrasse no seu quarto atrás daquele livro do qual estivesse tentando lembrar, o livro preferido da sua infância do qual tentasse se lembrar da cor e da capa e do título, e destruísse o quarto atrás do livro e quando o achasse ele também estivesse congelado e se desmanchasse, puf, entre seus dedos antes que você pudesse descobrir a cor, a capa, e o título, e em seguida toda a casa ruísse ao seu redor com um ruído de gelo quebrando, e você ficasse de pé no meio de um alagado onde antes fora a memória da sua casa pensando: pronto, agora não vou me lembrar de mais nada.

Qual o fato relatado de forma tão poética? A perda da memória. Da memória individual, coletiva, nacional. A crônica inicia-se de forma nada convencional, com o uso de três pontos, indicando uma origem que se perde no passado. Apenas um parágrafo no meio, mostrando na continuidade de um texto quase sem interrupções o ritmo das lembranças que surgem na mente do narrador, dando expressão ao fluxo da consciência aí presente. Uma onomatopéia (*puf*) simula de forma lúdica a oralização na literatura. E, ao final, o inesperado: o narrador parece aliviado pela perda da memória como se ela tivesse sido quase intencional.

A memória e o esquecimento são fatos relatados comumente na mídia: pais que esquecem os filhos, a justiça que prefere esquecer a corrupção, a nação que esquece seu passado político. Mas, na crônica de Veríssimo encontramos o esquecimento recriado de forma poética, agradável e, porque não dizer, eterna.

A crônica de nosso jornalismo é, também, uma inovação do sentido primeiro do termo. “Do grego *Cronikós*, relativo ao tem-

A crônica pode refletir de maneira poética, e às vezes irônica, o imaginário coletivo presente no cotidiano de nossas vidas

po (*chrónos*) pelo latim *chronica*, o vocábulo 'crônica' designava, no início da era cristã, uma lista ou relação de acontecimentos ordenados segundo a marcha do tempo, isto é em seqüência cronológica" (Moisés, 1978: 245). Em sua origem, a crônica era compreendida como a narração histórica por ordem cronológica dos fatos e em seu uso medieval dizia respeito à mera relação de acontecimentos organizados cronologicamente na qual não havia a interpretação do cronista. Somente a partir do século XIX, a crônica se apresenta como um produto especificamente literário, assumindo características que a tornaram um gênero autônomo, sobretudo no jornalismo brasileiro. Contribuíram para isso personalidades criadoras como os escritores Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, além de Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos. Atualmente, destacam-se os cronistas João Ubaldo Ribeiro, Carlos Heitor Cony e Luis Fernando Veríssimo, cujos textos possuem marcante caráter poético e literário.

Filha de *Chrónos*, o deus do Tempo, a crônica está ligada ao seu próprio tempo. Da mesma maneira que concebemos pelo menos dois tempos distintos, um cronológico linear e outro criador², podemos dizer que existiram dois modos de se fazer crônica. O mais primitivo, e ainda atuante em alguns países, é a crônica no tempo linear e ordenado historicamente pela justaposição dos acontecimentos. O segundo modo de se fazer crônica é em um tempo criador que reinventa os fatos para narrá-los de forma poética, para traduzir verdades que a mera reprodução dos fatos não poderia expressar. As crônicas no jornalismo brasileiro, existindo em uma temporalidade criadora, narram as situações concretas do cotidiano a partir de sua recriação, ou seja, relatam poeticamente reinventando a partir dos fatos da vida real. Por ser um gênero jornalístico, a crônica trata sempre de questões que podem ser vividas e experimentadas por qualquer um de nós em nossa vida cotidiana, entretanto, por causa de sua narrativa poética, a crônica jornalística "ficcional" a realidade e acaba por se aproximar da literatura, espaço tradicionalmente criador em termos de linguagens.

A comunicação exige inovações constantes e a criação é fundamental para que essas inovações ocorram. A reprodução e a padronização na sociedade midiática não é empecilho à criação, mas ao contrário, é oportunidade, pois geram a necessidade de novas produções que serão reproduzidas e de novos padrões que serão consumidos. A criação humana somente é possível porque possuímos, em função da própria evolução da vida, uma personalidade criadora capaz de inovar e criar coisas novas a partir de realidades pré-existentes. Essa personalidade criadora é própria dos seres humanos, embora alguns não se permitam refrear

² Segundo Bergson (2005), o tempo é criador porque sua principal característica é durar. Duração é o tempo real que passa continuamente transformando tudo, sendo ele próprio, mudança, inserindo na existência a novidade. Tempo que é mudança essencial e contínua; tempo que passa incessantemente em nós modificando tudo e que constitui a própria essência da realidade em contínua criação de si.

pela mera reprodução e deixam passar mais livremente o fluxo de criação. Entre estes podemos reconhecer alguns de nossos cronistas que em seus textos recriam a realidade e apresentam à nossa reflexão um relato poético do real.

A metáfora

A metáfora é uma figura de estilo lingüística, designada pelo uso de uma palavra ou expressão num sentido que não é próprio, baseado numa relação de semelhança. Aristóteles (1984) deu a primeira definição de metáfora, que consiste em transportar para uma coisa o nome de outra, ou do gênero para espécie, ou da espécie para o gênero, ou da espécie de uma para a espécie de outra, ou por analogia. A palavra deriva do grego *metaphorá* que significa mudança, transposição. O prefixo *met(a)-* em sentido de “no meio de, entre; atrás, em seguida, depois”. O sufixo *-fora* (em grego *phorá*) designa ação de levar, de carregar à frente. O processo de produção da metáfora requer a comparação entre entes diversos, a retenção do que se considera semelhante, a transposição de planos de significação e o estabelecimento de um novo significado. Sendo assim, a metáfora mais do que uma figura ou esquema da língua, é um esquema do pensamento. Mais que uma simples figura de linguagem, a metáfora é uma “figura de pensamento” que depende do receptor da mensagem para atribuir-lhe um novo sentido, dentre os vários sentidos que existem para uma mesma palavra.

Na crônica, a metáfora pode lhe dar fluidez imagética porque não se cristaliza num significado unívoco, mas sugere uma visão que nos põe em contato com aquilo que está além do aspecto múltiplo das várias imagens. A metáfora é possível porque o signo é móvel; podemos utilizar essa mobilidade do signo como uma variação indefinida de seus significados, em que a significação de cada imagem se dissolve na multiplicidade das outras, propiciando a indicação da direção para onde convergem as várias imagens, ponto de convergência onde podemos ir ao encontro da intuição original. Para Ricoeur (2000) a metáfora, por ser móvel, é viva. A metáfora troca a cristalização simbólica do conceito pela expressividade mutável das imagens convergentes, em sua variação indefinida de significados.

A metáfora é um instrumento imprescindível da reconstituição da visão das essências. Assim, a metáfora consegue dar conta de sugerir aquilo que por sua própria natureza não se presta às descrições imobilizantes e superficiais do discurso denotativo. Traduzir em palavras as impressões deixadas pelo tempo na alma do escritor, e assim comunicá-las ao leitor. Não com palavras em seus sentidos literais e descritivos, mas por metáforas, analogias, comparações e imagens.

A metáfora troca a cristalização simbólica do conceito pela expressividade mutável das imagens convergentes, em sua variação indefinida de significados

O uso das metáforas nas crônicas de Cony e Veríssimo

A análise das metáforas encontradas na crônicas de Carlos Heitor Cony e Luis Fernando Veríssimo que escrevem respectivamente para os jornais diários *Folha de S. Paulo* e *Estado de S. Paulo* nos revela algumas características peculiares de cada estilo narrativo.

Carlos Heitor Cony tem, durante o período de outubro de 2005 a março de 2006, cento e dezenove crônicas publicadas pela *Folha de S. Paulo*, tendo um espaço diário definido. Ao analisar-se as crônicas de Cony nota-se que o autor usa, na grande maioria das vezes, palavras e expressões cotidianas, metáforas mais ligadas ao nosso dia a dia. Uma característica própria dos seus textos é a informação, sempre relacionados aos temas decorrentes do momento, sejam eles políticos ou sociais. Cony utiliza-se do espaço e das metáforas muitas vezes para críticas e para opinar sobre governantes e acontecimentos gerais em nosso país e no mundo. Não cria muita coisa mas usa sempre associações para relacionar momentos atuais com passagens do passado. A memória é um elemento importante para a criação de suas crônicas: “no atual e no anterior governos, que abriram as porteiças para a corrupção” (Lula e a base, 03 out. 2005), ou “chupam o sangue das criancinhas, estupram as freiras, profanam sepulturas não cultuam a memória do Vladimir Herzog” (Vamos lá, gente boa!, 27 out. 2005).

A totalidade de seus textos continha metáforas. As crônicas podem ser classificadas como analíticas — **os fatos são expostos com brevidade**, e logo dissecados objetivamente. O cronista dirige-se mais a inteligência do que ao coração. Como crônica narrativa dos fatos do cotidiano, as metáforas utilizadas por Carlos Heitor Cony são aquelas mais usadas na fala cotidiana. Com o objetivo de entender-se com o público leitor usa expressões corriqueiras muito usadas na língua falada, e não muito comum em textos de informação. Tudo sempre dentro do contexto social, como por exemplo: “empurrar com a barriga os problemas mais agudos da nossa sociedade” (As armas e os varões, 06 out. 2005) ou “mais eis que dou a mão à palmatória e o pescoço à guilhotina: estamos salvos” (Vivas à vida, 18 out. 2005).

Luis Fernando Veríssimo teve cinquenta e cinco crônicas publicadas pelo jornal *Estado de S. Paulo* no período de outubro de 2005 a março de 2006. Tendo um espaço de duas vezes por semana definido, Veríssimo tem como característica aproximar-se mais da literatura que do caráter informativo próprio do jornalismo, utiliza-se de metáforas e expressões mais poéticas e complexas. Escreve também sobre fatos do cotidiano, mas é possível encontrar crônicas inteiras que contam uma história totalmente ficcional que não está ligada, diretamente, a nenhum fato atual.

Tendo um espaço de duas vezes por semana definido, Veríssimo tem como característica aproximar-se mais da literatura que do caráter informativo próprio do jornalismo

Utiliza a própria experiência para criar suas crônicas, passagens ocorridas com ele e observações feitas em lugares por onde passou. Suas crônicas têm caráter mais sentimental e os fatos são apresentados a partir dos seus aspectos pitorescos, líricos; predomina o apelo à sensibilidade e a conhecimentos mais eruditos. Como por exemplo: “a ausência de um cravo que derrubou um império? Por falta do cravo a ferradura caiu, o cavalo mancou, o rei foi ao chão, o exército ficou sem comando, a batalha foi perdida e o império ruiu” (Disse que disse, 03 nov. 2005) ou “O uísque é um figurante importante nesse ótimo documentário sobre Vinicius. Era o combustível nesta época” (O uisquinho, 05 jan. 2006).

Comparando as crônicas dos autores, nota-se que em função do espaço diário concedido a Cony na *Folha de S. Paulo* que seus textos são mais informativos e tem relação direta com os acontecimentos do cotidiano, da política e de fatos sociais. Veríssimo, ao contrário, que escreve sua crônica apenas duas vezes por semana no *Estado de S. Paulo* em um espaço maior, tem mais espaço para a inventividade e para uso dos recursos literários. Em ambos, foram encontradas metáforas em 100% das crônicas publicadas no período: umas mais simples e cotidianas outras mais complexas e eruditas, algumas com conteúdos históricos que exigem um conhecimento prévio de quem as lê para serem compreendidas no contexto onde são mostradas, outras de fácil acesso e de uso corriqueiro na linguagem falada. As metáforas nas crônicas contribuem para serem mais leves e descontraídas e assim, entreterem o leitor.

Por meio dos elementos retóricos levantados pela pesquisa, teve-se uma amostragem de como a utilização das metáforas na articulação textual das crônicas se torna importante, tanto para a criação do texto como para o seu entendimento. O propósito da metáfora dentro da crônica é tornar a leitura mais agradável e a informação menos hermética. A metáfora propicia ao leitor condições de participar do processo de recriação do real ao atribuir as metáforas do texto, uma significação própria de sua leitura. Isso porque metáfora é móvel e cada indivíduo a interpreta de uma maneira diferente segundo sua formação, seu conhecimento e sua história. Percebe-se claramente que o uso de metáforas no texto não se dá somente por questões de estilística, mas busca influenciar e ser influenciada por diferentes visões de mundo acerca dos fatos.

Referências

- ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Col. Pensadores)
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2004.

- BERGSON, Henri. *A evolução criadora*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CAMINHA, Pero Vaz de. Carta a el Rey Dom manuel, Apresentação de Rubem Braga. Rio de Janeiro: Record, 1981.
- CONY, Heitor. *Entrevista*. Cult – Revista Brasileira de Cultura. São Paulo: Bregantini, n° 100, ano 9, março/ 2006.
- MARCONDES, Ciro. *Para entender a comunicação: contatos antecipados com a Nova Teoria*. São Paulo: Paulus, 2008.
- MOISÉS, Massaud. *A criação literária – Prosa*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- MORIN, Edgar. *Cultura de Massas no século XX: neurose*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2005.
- PEREIRA, Wellington. *Crônica: a arte do útil e do fútil*. Salvador: Calandra, 2004.
- RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. São Paulo: Loyola, 2000.
- SANTAELLA, Lúcia. *Cultura das mídias*. São Paulo: Experimento, 1996.
- VERÍSSIMO, Fernando. Como se. *O Estado de S. Paulo*, 26 fev. 2006, caderno Cultura, p. D14.

Recebido em 02 de fevereiro de 2009.

Aprovado em 07 de abril de 2009.